

## PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA: A GRAMÁTICA DO DIA A DIA

**Profa. Msnda. Kely Any Vasconcelos Morais**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*

*kelyanyv@gmail.com*

**Profa. Msnda. Vanessa Karoline Monteiro Assunção**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*

*vkmassuncao@yahoo.com.br*

**Profa. Dra. Risleide Rosa Freire de Oliveira**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*

*risoleiderosa@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo busca refletir sobre o ensino da gramática pautado nos aspectos discursivos da língua, que se referem às características da linguagem em uso, possibilitando o reconhecimento da natureza dinâmica de nossa língua, resultado das interações entre os sujeitos. Para tanto, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), também se ressalta a importância do ensino de gramática por meio do qual os alunos (re)conheçam a norma padrão e estejam preparados para usá-la nas situações sociais em que se façam necessárias. À luz da teoria-análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin, destacam-se aspectos da linguagem e da gramática necessários à interação socioverbal dos sujeitos em suas atividades cotidianas, nas quais podem se posicionar de forma autônoma e responsiva como sujeitos ativos em relação aos enunciados com os quais dialogam tanto na esfera escolar quanto extraescolar. Nesse sentido, espera-se que as práticas de linguagem propostas possibilitem novos caminhos para a abordagem dos aspectos discursivos da linguagem nas aulas de língua portuguesa, fomentando a postura crítico-argumentativa dos alunos do ensino básico.

**Palavras-chave:** Gramática, ensino, dialogismo.

### Aula de português

A linguagem na ponta da língua  
tão fácil de falar e de entender.  
A linguagem na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que quer dizer?  
Professor Carlos Gois, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o Amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.  
Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a priminha.  
O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade

## **Introdução**

O presente artigo apresenta trabalho desenvolvido na disciplina *Gramática, variação e ensino*, PROFLETRAS/ ASSU-RN, com o objetivo de possibilitar novos caminhos para a abordagem dos aspectos discursivos da língua nas aulas de Língua Portuguesa (LP), fomentando a postura crítico-argumentativa dos alunos. Para tanto, toma como subsídio a teoria-análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin, a qual possibilita reconhecermos a natureza dinâmica da língua, resultado das interações entre os sujeitos. Segundo Bakhtin (2011, p. 274-275):

[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo absolutamente precisos. [...] O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão altamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso ao qual termina com a transmissão da palavra ao outro. [...] Essa alternância dos sujeitos do discurso que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias. [...] O diálogo é a forma clássica da comunicação discursiva.

## **O ensino de gramática e as práticas discursivas**

Nossa responsabilidade como professores de LP tem nos imposto cada vez mais desafios, pois não é mais possível o ensino de língua sem que seja abordado seu uso real em um determinado tempo e espaço, o que exige da escola ensinar gramática em uma perspectiva que dê resposta às demandas contemporâneas. Os próprios documentos do Ministério da Educação (MEC) ressaltam a importância do ensino de gramática para que os alunos conheçam a norma padrão e estejam preparados nas mais diversas situações sociais tanto na esfera escolar quanto extraescolar nas quais lhes seja cobrado o domínio dessa variante.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da

cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 11).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também postulam que os alunos precisam refletir sobre os fenômenos da linguagem, em especial os aspectos da variação linguística, cujo ensino deve refletir sobre as situações de uso.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...]. (BRASIL, 1998, p. 29)

O conceito de gramática como um conjunto de regras que estabelecem os critérios de “certo” e “errado” ainda é o mais corrente, porém ao ensinarmos os aspectos gramaticais da língua aos nossos alunos precisamos lhes mostrar que usamos a gramática para nos comunicarmos nas situações sociais mais diversas, por meio da seleção lexical, do repertório mais condizente, da entonação apreciativa, assim como da concordância e regência nominal e verbal, entre outros aspectos necessários para a interação sociodiscursiva. Por meio dessas escolhas, essa interação se torna possível, o que evitaria, por exemplo, perguntas de nossos interlocutores como “O que você quis dizer com isso?”. Tal questionamento aponta a necessidade de elucidação em relação a um dos aspectos acima listados, o que reforça nossa tese de que o ensino de gramática não pode ser dissociado das diversas situações de interação sociodiscursiva.

Dentre os vários tipos de gramática, quais sejam: a normativa, a descritiva, a histórica, a comparativa, a reflexiva, e independente da corrente filosófica que será o pano de fundo para o ensino de língua, a abordagem precisa partir do entendimento de que a gramática está presente desde o uso da língua em uma situação mais corriqueira até uma situação mais complexa. Por isso, precisa-se ensinar sem separar a gramática do uso real da língua.

Antunes (2007) defende a manutenção do ensino de gramática, porém é preciso que os professores de LP não priorizem os elementos estruturais da língua, e sim que enfoquem a capacidade discursiva dos alunos.

Em relação às regras que definem esses padrões, uma tarefa da escola consiste em providenciar a sua crescente *explicitação*, na pretensão única de assegurar ao sujeito aprendiz uma atuação verbal cada vez mais relevante e coerente [...]. [...] abrir esse universo para que as pessoas possam ver suas regularidades, suas estratégias e táticas de uso. [...] fica claro que não está em questão, em nenhuma proposta de nenhum linguista, retirar a gramática da programação do ensino. Nada mais

simplista e sem fundamento do que a ideia de que "já não é para ensinar gramática". Impossível. Não existe língua sem gramática. Assim, se considerarmos a linguagem nas suas funções de interação, outra perspectiva não podemos adotar em seu estudo senão a *das efetivas experiências da comunicação dialógica* (ANTUNES, 2007, p. 174-175, grifos da autora).

Segundo Bakhtin (2011), seria um equívoco conceber a língua como um sistema de normas imutáveis, pois sua natureza é dinâmica e seu uso está inserido as formas concretas de enunciação. Todas as línguas possuem fenômenos que lhes são inerentes, porém, em determinadas situações, são vistos pela Gramática Tradicional (GT) como "vícios de linguagem".

### **A linguagem e as práticas discursivas**

As condições de produção, circulação e recepção dos discursos estão ancoradas em práticas de linguagem sócio-históricas. A língua atua como mediadora adequando o discurso às situações de interação social conforme explica Marcuschi (2009, p. 240), respaldado nas ideias bakhtinianas:

[...] a língua é muito mais do que um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais. A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. Não é um sistema monolítico e transparente, para "fotografar" a realidade, mas é heterogênea e sempre funciona situadamente na relação dialógica, como ensina Bakhtin (1979).

De acordo com o Círculo de Bakhtin, a linguagem humana existe em função da interação sociodiscursiva e das relações dialógicas daí provenientes. Assim, o dialogismo consiste no processo de interação entre enunciados, e, por isso,

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra "resposta" no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada

esfera da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Logo, a interação surge em função de um interlocutor, que considera, com antecipação, como o outro pode vir a se relacionar com o enunciado dito, por isso projeta seu texto considerando as expectativas desse outro. Nessa perspectiva, entender a língua como um produto acabado implica o não reconhecimento da sua natureza viva e histórica.

### **Gêneros discursivos e práticas discursivas**

O contexto social, de algum modo, normatiza o gênero. É por isso que se pode dizer que os gêneros discursivos possuem modelos relativamente estáveis, já que possuem regularidades determinadas pelo contexto enunciativo que os estabiliza. Essa regularidade dos gêneros se dá “pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Apesar dessa regularidade, a diversidade de gêneros é inexaurível já que seus interlocutores os dinamizam, tendo em vista que os gêneros do discurso surgem e se desenvolvem para suprir uma necessidade de comunicação específica.

Bakhtin (2011) diferencia dois tipos de gêneros do discurso: os gêneros primários (identificados pelo autor como simples) constituídos em situações que exigem uma comunicação verbal espontânea (réplica do diálogo cotidiano ou a carta, por exemplo) e os gêneros secundários (qualificados pelo autor como complexos) constituídos em situações culturais mais complexas e relativamente desenvolvidas e organizadas (predominam na escrita).

Afirma ainda o autor que “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, sendo “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso infinitas [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 261-262). Ou seja, os gêneros discursivos são específicos a cada uma das esferas sociais sendo inesgotáveis suas possibilidades de (re)formulação. Os sujeitos envolvidos em determinada situação social se enquadram em uma estrutura comunicativa padronizada relativamente estável de enunciado, um gênero discursivo, que nasce a partir de um determinado contexto histórico-social. Caso se mudem as condições de produção desse enunciado, pode haver mudanças na forma, gerando, assim, transformações no gênero ou até mesmo o desenvolvimento de outro gênero discursivo.

Os gêneros ilustram os tipos de textos a que devemos e podemos expor os alunos no momento do ensino-aprendizagem. É importante que o aluno



conheça os variados usos dos textos, seja para atividades em salas de aula seja fora dela, pois os gêneros discursivos estão presentes em diversas formas e em variadas situações sociais. Isso porque o que determina as condições de produção, circulação e recepção de cada um desses gêneros é a necessidade de cada uma das esferas sociais, já que os gêneros surgem para suprir necessidades de comunicação específicas.

Na reflexão sobre as práticas de leitura e escrita na perspectiva dialógica como caminho para fomentar a postura crítico-argumentativa dos alunos, o ensino dos aspectos gramaticais da língua deveriam priorizar sua natureza viva e histórica, interagindo com o meio social dos sujeitos envolvidos (BAKHTIN, 2013). A fim de ilustrar essa perspectiva de ensino de gramática, selecionamos a Atividade 1 dentre as desenvolvidas em sala de aula em uma turma de 9º ano do ensino fundamental, conforme segue.

**Atividade 1** – Leiam individualmente a campanha publicitária analisando as palavras e as imagens. Em seguida, partindo da leitura do slogan “É DEVASSA. MAS COZINHA COMO UMA VOVÓ”, discutam os seguintes aspectos linguístico-discursivos: (a) o contraste entre os elementos DEVASSA/VOVÓ marcado pela palavra MAS; (b) o valor semântico que essas palavras carregam (apelo sexual x tradicionalismo); (c) as vozes propagadoras do machismo, e produzam uma outra campanha publicitária focando comida orgânica voltada para o público infantil.



Fonte: *Veja*, Rio, 22 de jul. 2009.

Por meio dessa atividade, focalizando a seleção das palavras utilizadas assim como as imagens usadas como suporte para o foco da campanha, pudemos estimular os alunos a discutir e se posicionar sobre as condições de produção, circulação e recepção do gênero discursivo campanha publicitária destacando o sentido e a função gramatical de cada palavra e imagem. Como dizem Kleiman e Sepúlveda (2012, p. 15) o estudo dos gêneros não dispensa um estudo acerca dos elementos gramaticais, ou seja:

[...] é preciso que o estudo da gramática seja dosado de acordo com as condições reais de aprendizado, de modo que algum resultado seja alcançado. Não adianta encher a lousa de teoria gramatical, fazer uma apresentação de conteúdos, alguns exercícios, e seguir adiante para cumprir metas irrealizáveis.

Por levarmos em conta essa inter-relação, é que propomos atividades em que os alunos possam analisar e discutir aspectos linguísticos partindo de gêneros discursivos concretos, ou seja, que circulem efetivamente na sociedade e que tenham destinatários com os quais estabelecem uma relação dialógica. Desse modo, oportunizamos-lhes a experiência de reconhecer que cada vocábulo possui uma carga semântica e estilística e que a escolha lexical é um recurso para orientação do posicionamento discursivo do autor.

### **Considerações finais**

O poema *Aula de português* de Carlos Drummond de Andrade, que abre este artigo, ilustra as dificuldades enfrentadas por um sujeito diante de uma língua escolarizada. Por isso, criar condições para formação de cidadãos capazes de atuar criticamente nas mais diversas situações é responsabilidade, também, do professor de LP, e essa consciência deveria permear sua prática pedagógica. É importante que os alunos constituam-se como sujeitos ativos e responsivos diante dos discursos que permeiam a sociedade e reconheçam os papéis sociais, tanto deles como de outrem, envolvidos nas interações sociodiscursivas, procurando respeitar as mais diversas formas de manifestação da linguagem, como pontua Antunes (2007, p. 99):

É de fundamental importância saber discernir o que é adequado a cada situação, para se poder, com eficiência, escolher esta ou aquela norma, este ou aquele padrão vocabular, este ou aquele tom, esta ou aquela direção argumentativa.

Melhor dizendo:

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo [...] Ensinar sem fornecer elucidação estilística e sem tentar enriquecer o discurso dos próprios alunos carece de qualquer significância criativa e não os ajuda a melhorar a criatividade de suas próprias produções discursivas, ensinando-os meramente a identificar as partes da linguagem já produzidas por outros (BAKHTIN, 2013, p. 7).

Nesse sentido, consideramos que as práticas de leitura e escrita na perspectiva dialógica – utilizando os gêneros discursivos como orientadores ou mediadores do ensino de gramática que leve em conta a linguagem utilizada no dia a dia nas diversas situações e esferas de atuação humana –, podem ser um caminho bastante produtivo e efetivo de ensino da língua portuguesa.

### Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. Belo Horizonte: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólcova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF.
- KLEIMAN, Angela B; SEPULVEDA, Cida. **Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009.